



York

“A Casa de Iorque ou Casa de York (em inglês: House of York) foi uma dinastia de reis ingleses do século XV e uma das facções beligerantes da Guerra das rosas contra a Dinastia de Lencastre. O seu nome deriva do facto dos seus membros descenderem de Ricardo, Duque de Iorque e o seu símbolo era uma rosa branca” (extraído da Wikipédia)

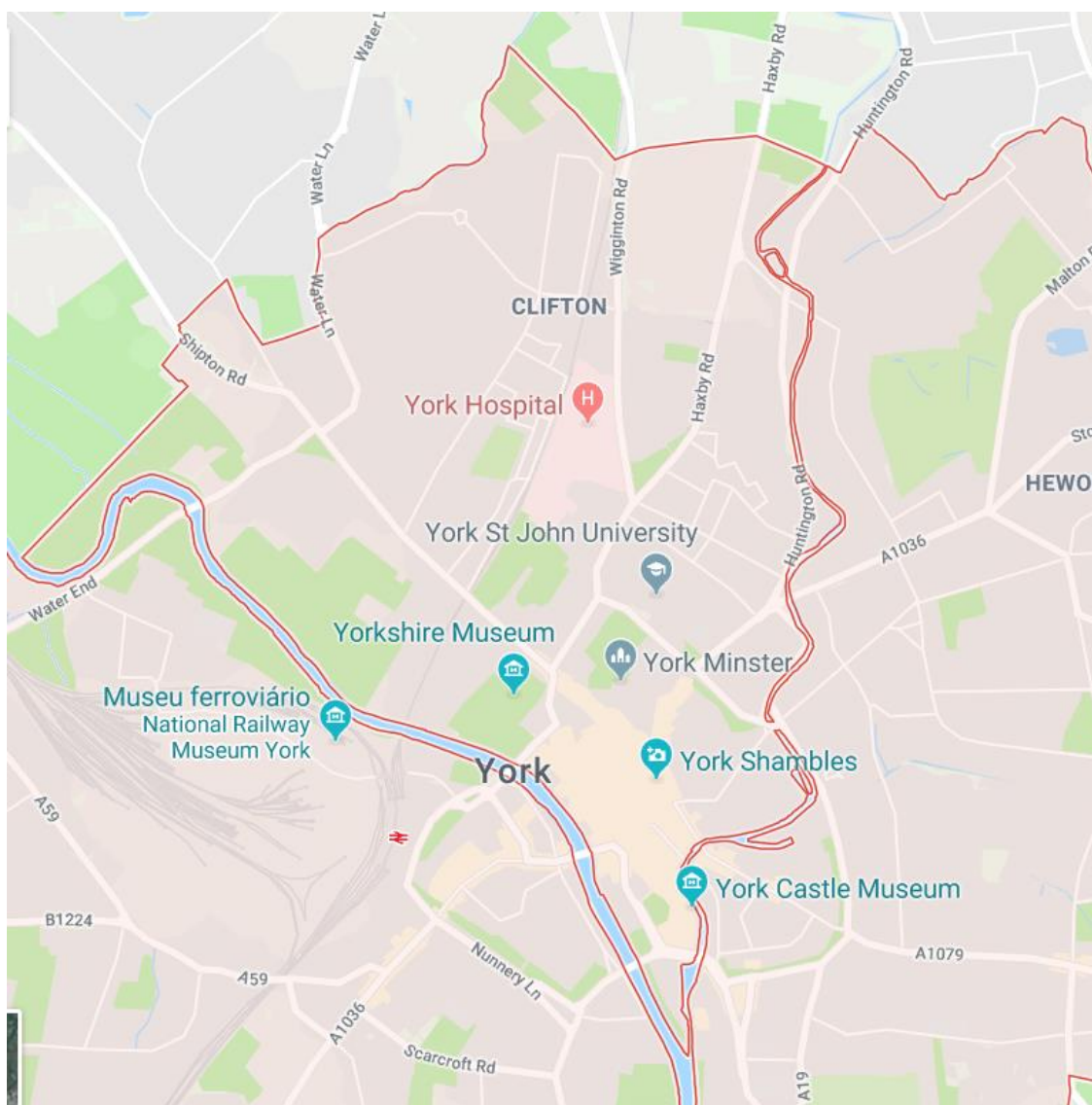
ADOREI ESSA CIDADE

Enquanto estávamos ainda na etapa do projeto para nossa viagem à Grã-Bretanha, havíamos pensado em passar uma noite em York, tipo ponto de pernoite para unir dois percursos. Depois de ter estado em Londres e Cardiff, conversando com um e outro, as opiniões dadas eram unânimes: York é muito especial. Mudamos de ideia e destinamos duas noites para ter, ao menos, uma dia e meio para curtir a cidade. Ela vale a pena mesmo.

Foi fundada em 71 d.C. pelos romanos para se tornar capital da província, que este império tinha na ilha da Grã-Bretanha, chamada Eboracum. Cem anos depois, o exército romano deixou a ilha, a região foi rebatizada como Eborwic por saxões, tornando-se cristã, mas por volta dos anos 800 d.C. tornou-se um centro viking. Após essa mistura de culturas e influências, a cidade de York, entre os anos de 1100 e 1500, manteve-se como a segunda mais importante da Inglaterra. Com o desenvolvimento do capitalismo industrial, outras cidades tomaram a posição de York, como Manchester, Liverpool Birmingham ou Leeds (não fui verificar se essas são as maiores depois de Londres, mas me lembrei de algumas que foram importantes a partir da Revolução Industrial).

YORK EM VÁRIAS ESCALAS





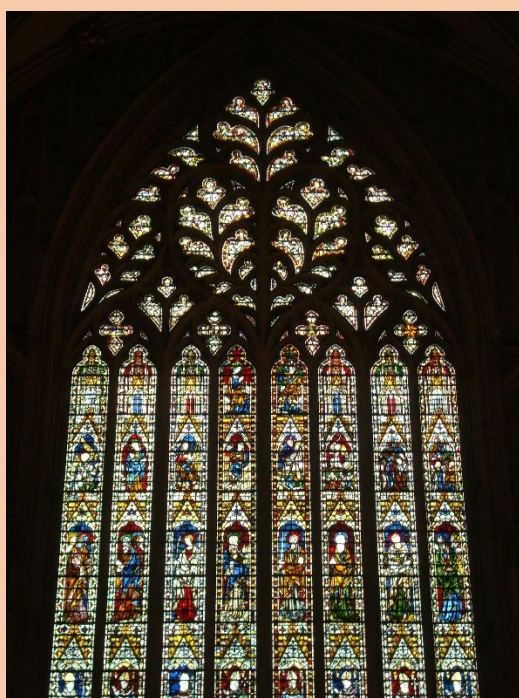
Hoje, York tem pouco mais de 200 mil habitantes e esse fato – não ter crescido muito – ajuda a explicar porque grande parte de seu sítio histórico e de seu patrimônio arquitetônico permaneceu e mantém-se dando vida ao centro da cidade.

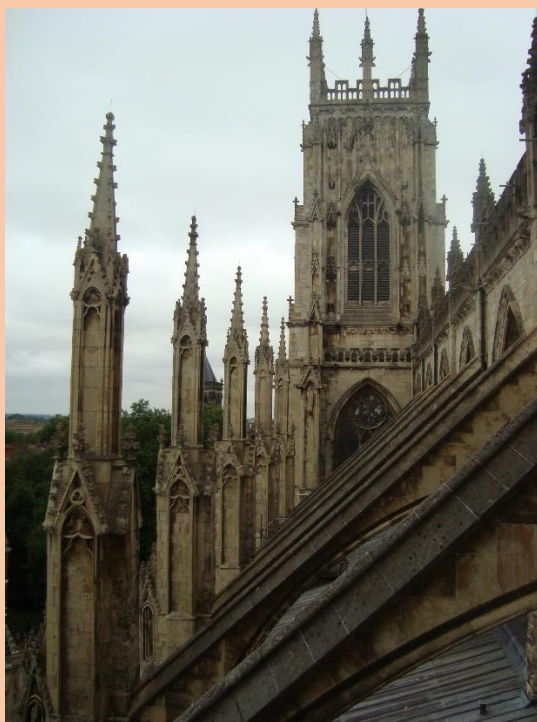
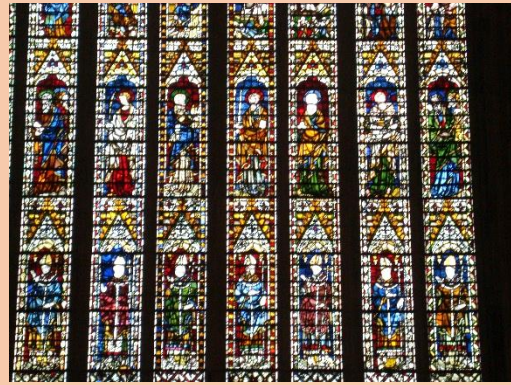
Pelo que está escrito nos guias, sua muralha medieval tem mais de 4 km de extensão, o que corresponde à linha vermelha que está na planta da cidade representada acima. Sem dúvida, seu grande patrimônio é sua catedral – York Minster – que tem 158 metros de comprimento por 76 de largura.

De vários pontos do centro histórico podemos vislumbrar alguma parte da imponente catedral, que teve sua construção iniciada 1220 e concluída, somente, 250 anos depois. Em 1984, foi parcialmente incendiada e sua restauração custou milhões de libras esterlinas.



York Minster tem o maior acervo de vitrais medievais de toda a Inglaterra e eles são muito mais bonitos do que as minhas fotos podem mostrar. Parte de seus desenhos foram pintados sobre o vidro colorido e os temas são os mais variados, desde a representação do Milagre de São Nicolau, passando pelo desenho de cinco irmãs e chegando ao de uma mãe que está surrando uma criança.

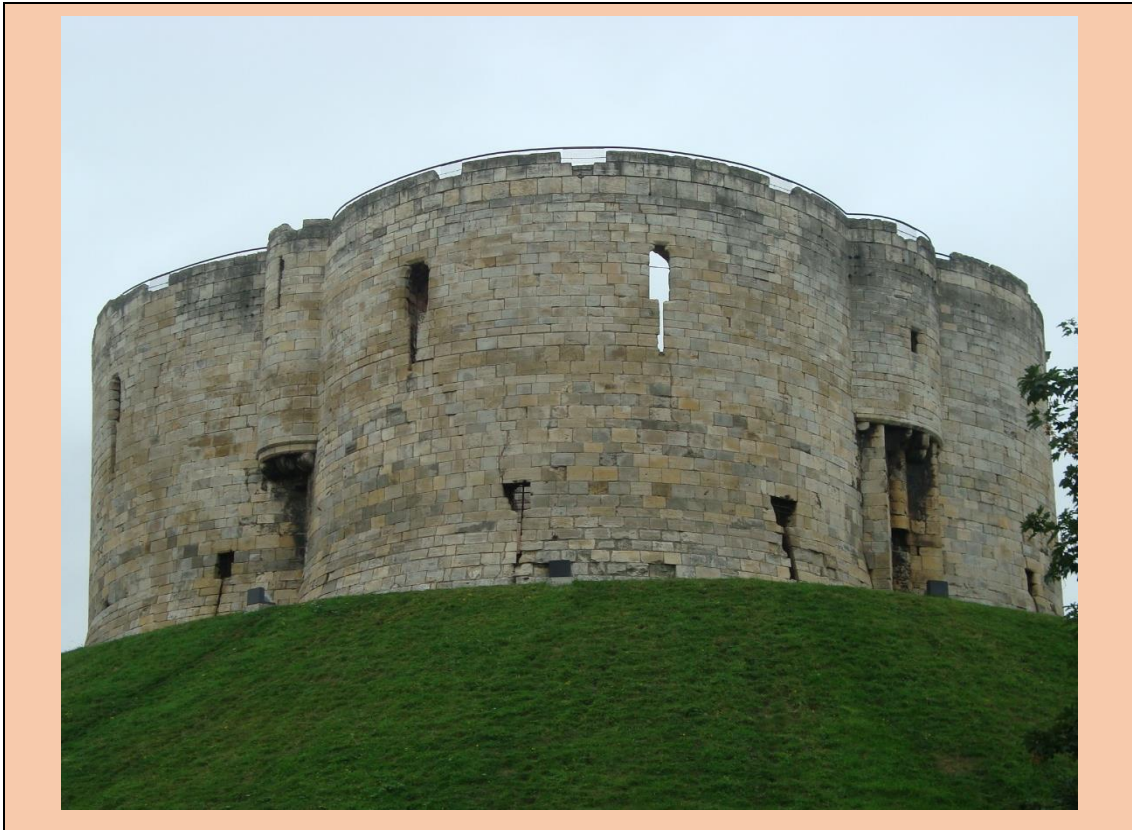




Eliseu, mantendo sua tradição de galgar as alturas por onde passa, subiu os 275 degraus da torre e fez fotos de lá de cima, o que nos possibilita ver o tamanho da igreja em relação à maior parte das edificações que estão no centro.

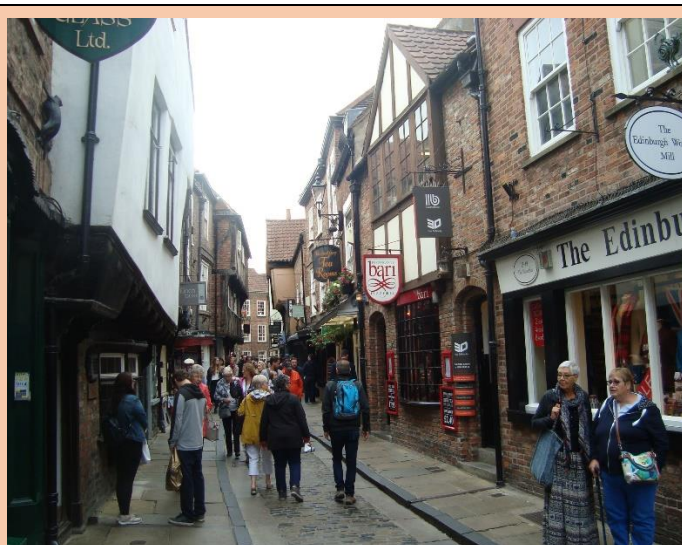


A Clifford's Tower guardava o castelo de York (que não existe mais, porque era de madeira e foi destruído durante lutas contra judeus nos anos 1100), mas ela, a torre, permanece soberana numa colina adjacente à muralha.



Várias são as construções medievais, sustentadas em madeira que permanecem sólidas há alguns séculos. As mais antigas são de 1350. Grande parte delas está ocupada por lojas e pubs, e pelo tipo de frequentadores que pude observar há as destinadas aos turistas, mas muitas delas oferecem bens e serviços para os moradores da cidade. Acho que essa convivência entre os que aí habitam e os que visitam a cidade é um ponto forte da experiência urbana que vivemos em York, pois evita que o estrangeiro se sinta num cenário, como ocorre em grande parte das cidades hoje muito cenarizadas para “inglês ver”. Ops, esqueci que estou na Inglaterra.





A foto acima à esquerda é da Rua Shambles, que, no período medieval, era ocupada pelos açougueiros. Mantém grande parte de suas construções está muito conservadas e hoje há de tudo por aí, até boutique de carnes preparadas e embutidos, onde entramos para comparar um pouco de salame.



Vejam o nome da loja de roupas de lã e a vitrine de chapéus. Alguns deles não se parecem os modelos preferidos de Elizabeth II?





Casas de chá e docerias não faltam e parece ser essa uma tradição na cidade, pois entre 15 e 16h não havia lugar em nenhuma delas. Você deve estar perguntando: mas o chá na Inglaterra não é às 5h? E eu respondo: o mundo está mudando muito e nem as tradições inglesas são mantidas integralmente.



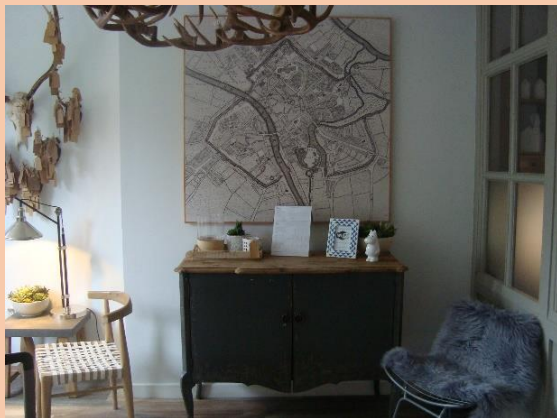
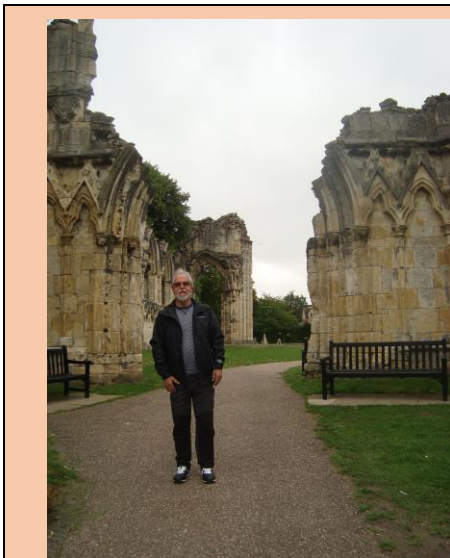


A cada esquina, tínhamos uma surpresa. Numa cidade com mais de 50 igrejas, lá está ele, o demônio sem qualquer disfarce, na fachada de uma construção, olhando quem passa pela rua. De quem terá sido a iniciativa?

Ando mais algumas quadras e me deparo com a maior loja de venda de roupas de lã cashemere, o principal produto do condado Yorkshire. Olho para dentro e percebo que os donos não têm nada de ingleses austeros, mas vieram do hemisfério leste: vejam a notificação no cachecol exposto na vitrine. Os chineses também chegaram a York.



Registro que gostamos de ficar hospedados no Jorvik House Hotel, bem em frente ao portal que dava acesso à St Mary's Abbey, hoje apenas uma ruína, mas ainda cercada por maravilhosos jardins. O hotel tem decoração e nome nórdicos para homenagear os antigos moradores de York, os vikings.



Sempre tem muito mais coisas a serem vistas e escritas, mas este é meu resumo do que vi e vivi em York.

Carminha Beltrão.

Setembro de 2018.